

Etapas e fases da narrativa em O Pequeno Polegar: análise de gênero na perspectiva sistêmico-funcional

Cristiane Fuzer
Carla Carine Gerhardt
Sabrine Weber

Submetido em 11 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 19 de dezembro de 2016.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º52, dezembro de 2016. p. 162-181

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

23:59:59

ETAPAS E FASES DA NARRATIVA EM *O PEQUENO POLEGAR*: ANÁLISE DE GÊNERO NA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

STAGES AND PHASES OF NARRATIVE IN "THE SMALL THUMB": GENRE ANALYSIS IN THE SYSTEM-FUNCTIONAL PERSPECTIVE

Cristiane Fuzer
Carla Carine Gerhardt*
Sabrine Weber**

RESUMO: Este trabalho objetiva revelar o gênero instanciando na obra “O Pequeno Polegar”, de Perrault ([1697]2005), na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Com base em categorias léxico-gramaticais (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) e semântico-discursivas (MARTIN e WHITE, 2005), são analisadas realizações linguísticas de gênero da família das estórias (MARTIN e ROSE, 2008; ROSE e MARTIN, 2012). Os resultados evidenciaram funções de transitividade e avaliatividade que realizam diferentes fases pelas quais a estória se desenvolve: cenários, descrições de personagens e acontecimentos, problemas, reações de participantes, eventos, efeitos, comentários e soluções. Essas fases, na obra analisada, combinam-se de maneiras variadas para constituir as etapas típicas do gênero narrativa (orientação, complicação, resolução e avaliação), cujo propósito sociocomunicativo específico é resolver complicações.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Narrativa. Linguística Sistêmico-Funcional.

ABSTRACT: This study aims to reveal the genre instantiated in Perrault’s “Little Thumb” ([1697]2005) from the perspective of Systemic Functional Linguistics. Based on lexicogrammatical (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) and discourse semantic categories (MARTIN; WHITE, 2005), we analyzed genre

Este artigo é parte dos resultados de atividades de pesquisa e extensão vinculadas aos projetos *Leitura e escrita em língua portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional* (GAP/CAL 37375) e *Ateliê de Textos* (GAP/CAL 040190), com apoio PROBIC/Fapergs e PROEXT MEC-Sesu.

* Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Doutora pela Universidade Federal de Santa Maria, Pós-Doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: crisfuzer@yahoo.com.br.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Graduada em Letras na Universidade Federal de Santa Maria e Especialista em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa na UNINTER. E-mail: carla.gerhardt@hotmail.com.

*** Professora no Ensino Fundamental, graduada em Letras Licenciatura em Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: sabrinegweber@gmail.com.

linguistic achievements of the story family (MARTIN; ROSE, 2008; ROSE; MARTIN, 2012). The results showed transitivity and appraisal functions that perform different phases through which the story unfolds: scenarios, characters' and events descriptions, problems, participants' reactions, events, effects, comments and solutions. These phases in the text analyzed are combined in many ways to constitute the typical stages of the narrative genre (orientation, complication, resolution and evaluation), whose specific socio-communicative purpose is to solve complications.

KEYWORDS: *Genre. Narrative. Systemic Functional Linguistics.*

1. Introdução

A Literatura Infantojuvenil surge por volta do século XVII, na Europa, a partir de textos da antiguidade clássica ou também de estórias que as pessoas contavam em suas comunidades, difundindo e incutindo nas crianças valores como igualdade, liberdade, fraternidade, verdade, beleza e justiça (COELHO, 1991). Contos de fada, contos maravilhosos, mitos, fábulas, lendas são textos que abordam esses valores e são usados, de maneira geral, para entreter ouvintes e leitores, reproduzindo acontecimentos reais ou míticos e estimulando a imaginação. No contexto escolar, esses textos têm presença frequente nas atividades de ensino da leitura e escrita de narrativas, sendo, inclusive, recomendados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o trabalho com leitura, oralidade e escrita em língua portuguesa (BRASIL, 1997, 1998).

Nos estudos linguísticos, a narrativa, especificamente, tem sido considerada como “tipo de texto” (MARCUSCHI, 2001), “modalidade retórica” (MEURER, 2002), “sequência textual” (ADAM, 2008), “gênero” (MARTIN e ROSE, 2008). Cada uma dessas nomeações fundamenta-se em abordagens teóricas que contemplam parâmetros mais estruturais ou mais contextuais para descrever e explicar a organização dos textos.

Na abordagem sistêmico-funcional, é possível considerar contos de fada, por exemplo, como textos que compartilham um propósito sociocomunicativo geral, comum a todas as estórias que circulam em um dado contexto de cultura, qual seja: envolver o leitor/ouvinte (MARTIN e ROSE, 2008). Os diferentes propósitos com que se contam estórias implicam diferentes estruturas esquemáticas e realizações linguísticas que, por meio de uma análise criteriosa, revelam os gêneros instanciados nos textos. Em outras palavras, pode-se contar uma estória com o propósito de compartilhar emoções, compartilhar julgamentos, resolver complicações ou simplesmente relatar uma sequência de eventos (ROSE e MARTIN, 2012).

O Pequeno Polegar, na versão de Perrault ([1967] 2005), originalmente publicada no livro “*Contos da Mamãe Gansa*” em 1967, é um exemplo de contos de fada comumente considerado uma narrativa no contexto escolar. Sobre esse conto em suas diversas publicações em português, há registros de análises da esfera psicanalítica envolvendo personagens (OLIVEIRA, 2014; PEQUENO e ALVES, 2012; CHAUI, 1984), de intenções implícitas e representações de crianças (PILÉGI, 2008), de recursos linguísticos para ensino da leitura e da escrita de narrativas (FUZER et al., 2015), dentre outros. Somando-se a esses estudos, o presente artigo levanta a seguinte questão: como

Com relação a análises de textos produzidos em contexto escolar, destaca-se o trabalho desenvolvido no projeto *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*, do Instituto de Linguística Teórica e Computacional (ILTEC), em que se criou um *Modelo de análise de narrativas escritas* (ILTEC, 2006), para observar, em textos de alunos, diferentes níveis textuais e competências linguísticas.

o propósito de envolver o leitor/ouvinte, em *O Pequeno Polegar*, é realizado por meio de funções léxico-gramaticais e semântico-discursivas?

Os dados são analisados com base em pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), que possibilitam, por meio de categorias léxico-gramaticais (HALLIDAY, 1985, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004) e semântico-discursivas (MARTIN e WHITE, 2005), apresentadas na segunda e terceira seções, evidenciar, a partir das marcas linguísticas, o propósito sociocomunicativo da narrativa como gênero e sua organização em etapas e fases.

2. Linguagem e gênero na perspectiva sistêmico-funcional

Na teoria sistêmico-funcional, a linguagem é concebida como prática social, desenvolvida para suprir demandas da vida em sociedade (HALLIDAY, 1994). Para explicar as escolhas linguísticas realizadas nos textos, Halliday (1985, 1994), com a colaboração de Matthiessen (2004, 2014), apresenta categorias para análise da linguagem como um “sistema potencial de significados”. Nessa perspectiva, significados são veiculados em forma de texto, caracterizado como “o funcionamento da linguagem em contexto” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 22).

Essa teoria é sistêmica porque vê a língua como “redes de sistemas linguísticos interligados” e funcional porque “explica estruturas gramaticais em relação ao seu significado, às funções que a linguagem desempenha em textos” (FUZER; CABRAL, 2014, p.19). A linguagem é definida como um sistema que se constitui de estratos: o estrato léxico-gramatical realiza o semântico, que, por sua vez, realiza o contexto (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). No estrato semântico, estão os significados ideacionais, interpessoais e textuais, que se realizam, no estrato léxico-gramatical, respectivamente, pelos sistemas de transitividade, MODO e estrutura temática.

Os significados ideacionais se realizam em tipos de processos (relacional, verbal, mental, comportamental, material ou existencial), seus respectivos participantes e, eventualmente, circunstâncias que compõem as orações no sistema de transitividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Os significados interpessoais realizam-se, no estrato léxico-gramatical nos sistemas de polaridade (positiva ou negativa), modalidade (modulação ou modalização) e MODO (componentes Modo e Resíduo da oração) (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Esses sistemas léxico-gramaticais são mobilizados no funcionamento dos sistemas semântico-discursivos, como a avaliatividade que possibilita a análise de atitudes do enunciador nos textos que fala ou escreve.

A estrutura temática, por sua vez, constitui o terceiro sistema léxico-gramatical que realiza a metafunção textual da linguagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Tradução nossa de: “The text can be characterized as the functioning of the language in the context.” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014, p. 22)

Por convenção da teoria, MODO (*MOOD*) é grafado em caixa alta para diferencial de Modo (*Mood*) apenas com inicial maiúscula, que denomina um dos componentes interpessoais da oração, e modo (*mode*) inicial minúscula) que denomina uma das variáveis do contexto de situação (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

Por meio do mapeamento dos componentes oracionais Tema e Rema, é possível explicar a organização dos significados ideacionais e interpessoais da mensagem nos textos.

De acordo com essa visão trinocular da linguagem, concebida como uma rede de sistemas, conforme a teoria hallidayana, as escolhas linguísticas representam determinadas experiências e relações humanas em forma de textos, os quais se inserem em contextos específicos (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

O texto se insere sempre em algum contexto e “está encapsulado por ele através de uma relação sistemática entre o meio social e a organização funcional da linguagem” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 26). Para descrever o contexto de situação, Halliday (1989) propõe três variáveis de registro – campo, relações e modo. Na primeira variável, são analisados elementos linguísticos que evidenciam aspectos de conteúdo e objetivos do texto, tendo em vista sua finalidade no contexto social; na segunda variável, são analisados elementos linguísticos que sinalizam papéis sociais dos interactantes; e na terceira variável, os elementos linguísticos podem ser estudados como um todo estruturante do texto, considerando-se o canal e o meio em que o texto é produzido e veiculado (EGGINS e MARTIN, 1997).

Relacionada ao contexto de cultura, entendido como práticas mais amplas associadas a determinado ambiente sociocultural, que inclui ideologia, convenções sociais e instituições (HALLIDAY, 1989), está a noção de gênero, reconhecido pelos indivíduos de uma mesma sociedade. Na perspectiva sistêmico-funcional, gênero é definido como um “processo social organizado por etapas e orientado para propósitos sociais” (MARTIN e ROSE, 2008, p. 08). Sua caracterização em etapas deve-se ao fato de que é preciso mais de um passo para que se possa alcançar o propósito sociocomunicativo do gênero, e é social porque os escritores moldam seus textos para leitores específicos, dentro do sistema sociosemiótico, integrando situação-cultura.

Assim, os textos, como instâncias concretas de um gênero, aproximam-se por seus propósitos sociais no contexto de cultura e por suas etapas semelhantes na estrutura retórica, mas diferenciam-se pela realização linguística do registro, que está relacionado a um contexto de situação, mais específico, com características peculiares que podem variar de exemplar para exemplar (ROSE e MARTIN, 2008).

Nessa perspectiva, conforme Gouveia (2013), textos que compartilham propósito sociocomunicativo e etapas semelhantes podem ser agrupados em uma mesma “família de gêneros” (MARTIN e ROSE, 2008), que, por sua vez, alojam os gêneros.

Da família das histórias, por exemplo, fazem parte cinco gêneros elementares descritos pelos pesquisadores australianos: o relato, a narrativa, o exemplum, o episódio e notícia. A narrativa é o gênero que tem o propósito específico de “resolver uma complicação” em uma história (ROSE e MARTIN, 2012, p.67); diferencia-se do gênero

. Tradução de “genre as a staged goal-oriented social process” (MARTIN e ROSE, 2008, p. 08).

. Segundo Darnton (1986, p. 302), “escrever a História é contar uma história e, por isso, empregam-se muitos dos mesmos dispositivos retóricos que se usa na ficção”. Ou seja, ao se escrever uma história, que se refere a uma dada realidade, o escritor, por mais que tente se manter neutro, olha os acontecimentos ou fatos de seu ponto de vista e os representa por meio de recursos linguísticos que também se verificam nas histórias ficcionais, como, por exemplo, marcas de avaliatividade.

relato, que tem por propósito apenas “relatar uma sequência de eventos”, sem chegar a uma resolução (ROSE e MARTIN, 2012, p. 67).

Em vista do propósito geral dessa família de gêneros, é utilizado o termo “estórias” (*stories*) para demarcar a distinção com o termo “histórias” “*histories*” (*histories*), que se referem aos gêneros cujo propósito é relatar fatos e acontecimentos reais, não ficcionais (MARTIN e ROSE, 2008).

Cada gênero apresenta etapas, que são “componentes relativamente estáveis de sua organização” (algumas das quais são obrigatórias por caracterizarem o gênero) (MARTIN e ROSE, 2008, p. 82). Cada etapa pode se compor de fases, que são mais variáveis e podem ser exclusivas para um texto particular (MARTIN e ROSE, 2008, p. 82). Etapas e exemplos de fases da narrativa nessa perspectiva são apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Etapas e fases do gênero narrativa.

	Gênero	Propósito sociocomunicativo	Etapas	Fases
Estórias	Narrativa	Resolver uma complicação	• Orientação	<ul style="list-style-type: none"> • Cenário • Reação • Problema
			• Complicação	<ul style="list-style-type: none"> • Problema • Reação • Descrição
			• Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Reação
			• Resolução	<ul style="list-style-type: none"> • Cenário • Problema • Solução

Fonte: Traduzido de Rose e Martin (2008, p.79).

As etapas apresentadas no Quadro 1 têm por base o modelo de Labov e Waletzky (1967), que, em suas pesquisas no campo das Ciências Sociais, tinham como objetivo descrever e interpretar a experiência humana e suas representações. Segundo esse modelo, a estrutura narrativa se compõe de: resumo (sumarização da história); orientação (informação sobre atores, tempo, lugar e situações); Complicação (formas de reelaboração da trama); Avaliação (motivo do relato); Resolução (o resultado da ação) e Coda (retorno ao momento atual da história) (RODRIGUES JR., 2010).

A partir do modelo de Labov para descrição e análise da narrativa, pesquisadores da LSF (EGGINS e SLADE, 1997; MARTIN e ROSE, 2008, dentre outros) analisaram as relações entre os elementos da narrativa e as funções léxico-gramaticais constitutivas das metafunções textual, interpessoal e ideacional da teoria sistêmico-funcional de Halliday (1994) e concluíram que as estórias, embora compartilhem o propósito sociocomunicativo geral de envolver/entreter os ouvintes ou leitores com fatos e acontecimentos, nem sempre se constituem das mesmas etapas e, muitas vezes, apresentam propósitos mais específicos. Por isso, nessa perspectiva, um texto fabular ou um conto, por exemplo, pode se realizar ora como uma narrativa (desde que o propósito seja resolver uma complicação), ora como um *exemplum* (cujo propósito é julgar comportamentos, sem haver necessariamente uma resolução).

Como mencionado anteriormente, cada etapa de gênero é constituída por fases, que são componentes mais variáveis e podem ocorrer dentro de qualquer etapa. Cada

tipo de fase, conforme descrito no Quadro 2, exerce certa função para envolver o leitor no desenrolar da estória.

Quadro 2 – Fases e funções que constituem as etapas da narrativa.

FASES	FUNÇÕES
Cenário	Apresentação do contexto (identidade, atividades, lugares)
Descrição	Evocação do contexto (imagens sensoriais)
Eventos	Sucessão de eventos
Efeito	Resultado material
Reação	Resultado comportamental/atitudinal
Problema	Criação de tensão inesperada
Solução	Liberação da tensão inesperada
Comentário	Introdução de comentários do narrador
Reflexão	Introdução de pensamentos dos participantes

Fonte: Traduzido e adaptado de Martin e Rose (2008, p. 82).

Nessa perspectiva de gênero, podemos dizer que etapas da narrativa são, com frequência, usadas para organizar textos rotulados como conto, fábula, lenda, anedota, cordel; não seria coerente dizer, porém, que esses textos sejam sempre narrativos. Com relação ao conto especificamente, Gotlib (2004, p.12) considera-o como “uma forma simples de criação espontânea (...). Existe, apenas, o compromisso para dar ao leitor aquilo que ele deseja: a punição dos malvados, a justiça para os bons e o final feliz”. Em sua “morfologia do conto maravilhoso”, Propp (2006) chamou de conto de magia

todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano ou de uma carência e passando por funções intermediárias, termina com o casamento ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa, a obtenção do objeto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano, o salvamento da perseguição (p. 90).

Em estudos posteriores ao de Propp (1928), Garcia ([1967]2003) identificou quatro estágios progressivos em narrativas: exposição de circunstâncias (época e ambiência) e personagens; complicação (início do conflito); clímax (ápice da estória) e desfecho (solução do conflito).

Tais modelos salientam a narrativa como uma estrutura textual padrão em contos, fábulas, anedotas, romances, novelas, lendas, sendo estes considerados “gêneros”. A abordagem sistêmico-funcional, entretanto, considera a narrativa como gênero, transcendendo a estrutura textual. É um gênero porque é usado com um propósito específico na cultura (contar uma estória em que se resolve uma complicação) e é reconhecido por suas etapas típicas (orientação, complicação, resolução) evidenciadas por significados ideacionais, interpessoais e textuais que são realizados por escolhas léxico-gramaticais e semântico-discursivas recorrentes.

Com base nessa perspectiva de gênero, estudos que focalizam usos da linguagem em contexto escolar foram desenvolvidos ao longo de três décadas por linguistas que mapearam os gêneros usados para ler e escrever no contexto escolar, no âmbito do projeto *Learning to Write, Reading to Learn* (ROSE e MARTIN, 2012), que desenvolveu uma pedagogia para o ensino explícito da linguagem no trabalho com leitura e escrita na educação básica. A partir desse projeto, foi desenvolvido, com a

participação de países europeus, o programa *Teacher Learning for Europe na Literacy Education Tel4ELE* (COFFIN, ACEVEDO e LÖVSTEDT, 2013), que tem como principal objetivo formar especialistas de letramento, tendo por base a pedagogia de gêneros da LSF.

Somando-se a esses estudos, o presente trabalho focaliza a narrativa como um gênero instanciado num conto clássico da literatura infantojuvenil. A análise das marcas linguísticas que realizam o propósito e a estrutura esquemática desse gênero realiza-se por meio de categorias dos sistemas de transitividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) e avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005).

O sistema de transitividade, que realiza a metafunção ideacional experiencial da linguagem, analisa a oração como representação, cujos componentes funcionais são processos, participantes e circunstâncias. Os processos podem ser materiais, mentais, relacionais, verbais, comportamentais ou existenciais. Os participantes estão associados aos tipos de processos, podendo ser Ator, Meta, Beneficiário ou Atributo em processos materiais; Experienciador e Fenômeno em orações mentais; Portador e Atributo ou Identificado e Identificador em orações relacionais; Comportante em orações comportamentais e Existente em orações existenciais. Em todos os tipos de orações podem estar ainda associados aos processos as circunstâncias, que podem indicar localização no tempo ou no espaço, causa, ângulo, dentre outros (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). Essas categorias são utilizadas para identificar representações de personagens e suas ações e acontecimentos ao longo das etapas e fases da estória.

A avaliatividade é a expressão linguística das avaliações tanto positivas quanto negativas nos discursos. É um dos sistemas da semântica do discurso e pode realizar-se pelas funções léxico-gramaticais das três metafunções. Conforme proposto por Martin e White (2005), o sistema de avaliatividade constitui-se dos subsistemas atitude (afeto, julgamento e apreciação), engajamento (contração e expansão dialógica) e gradação (intensificação e quantificação). Neste estudo, haja vista a natureza da linguagem instanciada no texto analisado, foram utilizados aspectos do subsistema atitude, que se manifesta pelos campos semânticos de afeto (avaliação de emoções), julgamento (avaliação de comportamentos) e apreciação (avaliação de qualidade, forma e aparência) (MARTIN e WHITE, 2005).

3. Metodologia

Para esta pesquisa, de cunho qualitativo, foi selecionado o clássico *O Pequeno Polegar*, na versão traduzida por Rosa Freire d'Águia para o texto produzido por Charles Perrault, na França do século XIII. Perrault, como relata Canton (2009), foi um aristocrata e trabalhou como superintendente em algumas obras do rei Luís XIV. Foi poeta, membro da academia Francesa de Letras e, tendo ficado viúvo, criou seus quatro filhos sozinho.

Canton (2009) ainda informa que as histórias eram lidas predominantemente por mulheres de classe alta e não eram exclusivamente para crianças. Perrault, por fazer

. Uma descrição, em português, dos sistemas léxico-gramaticais que realizam as três metafunções da linguagem é encontrada em Fuzer e Cabral (2014).

. Estudos dos três sistemas de avaliatividade (atitude, engajamento e gradação), em português, são encontrados na obra organizada por Vian Jr., Souza e Almeida (2010).

parte da corte, frequentava reuniões e tomava chá com damas enquanto os filhos brincavam. Nesse contexto, Perrault realizou um trabalho de adaptação de maneira a introduzir as estórias populares à inteligência da corte, atuando como ponto de contato entre universos diferentes, da cultura popular à cultura da elite, da qual fazia parte.

Perrault reuniu em um livro as histórias que ouvia das camadas populares francesas e contava nos encontros com as damas da corte. Esse livro, *Contos da Mamãe Gansa* (*Contes de mamèrel'Oye*), publicado em 1697, era constituído de oito estórias. As mais famosas eram *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela*, *O Gato de Botas*, *O Pequeno Polegar*, que são conhecidas até hoje.

Tradicionalmente reconhecido como um conto de fadas (TATAR, 2004; COSTA, 2003), *O Pequeno Polegar* foi escolhido dentre outras estórias utilizadas em atividades de leitura detalhada no âmbito do projeto de extensão “Ateliê de Textos” (FUZER, 2015), que se realiza, desde 2011, em forma de oficinas de leitura e produção textual em escolas públicas de Santa Maria e municípios vizinhos.

Para a descrição do contexto de situação expresso no texto selecionado, utilizaram-se as variáveis de registro campo, relações e modo, a partir do roteiro proposto por Butt et al. (2000), que consiste das questões apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Roteiro para descrição das variáveis de registro.

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Que atividade está ocorrendo? O que no texto nos diz isso? 2. Quem está falando? O que no texto nos diz isso? 3. A quem está sendo falado? 4. A relação entre eles é igual ou desigual? O que no texto nos diz isso? 5. Que itens no texto são avaliações positivas ou negativas? Quais os referentes avaliados? Mais uma vez, como é que sabemos disso? 6. Sabemos exatamente onde a atividade está ocorrendo? 7. Qual o significado disso? 8. O texto é interativo ou não (é um monólogo ou diálogo)? 9. O texto foi originalmente falado ou escrito? Como sabemos disso? 10. A linguagem constitui a totalidade da atividade ou está auxiliando ao longo de alguma outra atividade? |
|--|

Fonte: Traduzido e adaptado de Butt et al. (2000, p. 185).

Uma vez descrito o contexto de situação realizado no texto selecionado, passou-se à identificação e análise de etapas e respectivas fases de gênero. Para isso, conforme abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional (ROSE e MARTIN, 2008; MARTIN e ROSE, 2012), foram empregadas as seguintes categorias de análise: funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) e funções semântico-discursivas do sistema de avaliatividade como foco no subsistema atitude e, quando necessário, gradação (MARTIN e WHITE, 2005), as quais possibilitam evidenciar a estrutura esquemática do gênero e, por conseguinte, o propósito sociocomunicativo.

4. Análise e discussão dos resultados

As funções léxico-gramaticais são destacadas em negrito nos excertos usados como exemplos na seção em que se apresentam a análise e a discussão dos resultados.

Nesta seção, apresentamos a análise de *O Pequeno Polegar*, na versão atribuída a Perrault. Inicialmente, é apresentada a descrição das variáveis de registro, seguindo-se as questões propostas no roteiro de Butt et al (2000); na sequência, são apresentadas a análise das realizações léxico-gramaticais e semântico-discursivas que evidenciam as etapas e fases do gênero instanciado nessa estória.

4.1 As variáveis de registro em *O Pequeno Polegar*

O contexto social em que *O Pequeno Polegar*, na versão de Charles Perrault, envolve a França do século XVII, época em que os europeus enfrentavam uma dura realidade (fome, falta de moradia e vestuário, etc.), resultante das guerras religiosas. Dentre os participantes no texto em análise, está um protagonista masculino que enfrenta problemas relacionados à pobreza. A variável campo do contexto está expresso, desde o início da estória, por itens lexicais que remetem ao campo semântico de pobreza marcada pela fome, como se verifica no excerto a seguir.

1) *Era uma vez um casal de lenhadores **muito, muito pobres**, com sete filhos pequenos. Um deles, o caçula, era **magro e fraco**, mas esperto e inteligente; era conhecido como Polegar, por ser muito pequeno ao nascer. Naquele ano **difícil, faltava tudo, praticamente não havia o que comer**. Os dois lenhadores, **desesperados com tanta miséria e tantas bocas para alimentar**, encontraram uma triste solução: iriam se livrar dos sete filhos **esfomeados**. [grifos nossos] (PERRAULT, [1697] 2005, p. 03).*

Nesse excerto, os Atributos “muito, muito pobres”, “magro e fraco”, “desesperados com tanta miséria”, “esfomeados” evidenciam a experiência da fome vivenciada pelas personagens. A estória desenvolve-se em função do problema da falta de alimentos e, nesse sentido, a produção de *O Pequeno Polegar* pode estar associada ao propósito social de envolver os ouvintes/leitores na esperança de solução para os problemas vivenciados em seu dia a dia e, ao mesmo tempo, em valores considerados fundamentais à educação dos filhos, especialmente dos meninos, tendo em vista a representação social, ainda predominante na sociedade europeia da época, do papel do homem como provedor da família.

Na sequência do texto, uma das personagens é destacada pelo narrador, como mostra o excerto 2.

2) *Um deles, o caçula, era magro e fraco, **mas esperto e inteligente**.*

Em contraponto à representação de fragilidade dada por “magro e fraco”, as marcas de julgamento “esperto” e “inteligente” indicam avaliações positivas para o Pequeno Polegar, com as quais o narrador deixa pistas de que o jovem, apesar de suas características físicas em desvantagem, possuía capacidades intelectuais que poderiam mudar a situação de carência em que se encontrava.

O lugar em que os fatos ocorrem também enfatiza a trama. No início da estória em análise, a floresta é o cenário em que um dos problemas (o abandono dos filhos) é desencadeado. Ela representa um lugar imprevisível, em que animais ou seres perigosos podem aparecer. Nas palavras de Bettelheim (2002, p. 65), as “florestas impenetráveis, [...] sugerem que alguma coisa normalmente escondida será revelada”. Já o final da

estória acontece em “um reino muito distante” que, para Bettelheim (2002), representa os sonhos das crianças, algo que só pode ser alcançado por elas por meio da fantasia. É o que acontece na estória mágica de Polegar: seus problemas só são resolvidos em um reino distante.

Nesse contexto, o menino é representado no papel de herói, pois salva seus irmãos de um gigante e os ajuda a retornar para casa. No texto, a representação dessas atividades é realizada por processos materiais de que o garoto participa como Ator, como nos excertos a seguir.

3) *Mas Polegar, sempre muito ativo, **subiu** em uma grande árvore*

4) *Sem hesitar, o garoto, **guiando** os irmãos, **começou a andar** na direção daquela luzinha distante.*

O papel de herói é indicado, no primeiro excerto, pelo Atributo descritivo “ativo”, intensificado pelo elemento de gradação “muito” e pela modalização de frequência “sempre”. No segundo excerto, a oração comportamental “Sem hesitar” expressa um julgamento em relação ao garoto enquanto guia os irmãos no bosque durante a noite, evidenciando uma característica típica dos heróis: a coragem. Essa representação simboliza a conduta masculina esperada pela sociedade da época – e reforçada até hoje cada vez que essa estória é contada às crianças sem uma reflexão crítica acerca das representações de gênero masculino e feminino. Uma maneira de desconstruir essa representação social é desafiar os leitores/ouvintes a colocarem uma menina no papel do herói, por exemplo.

A ideia subjacente à estória de que meninos, pela coragem e inteligência, conseguem resolver os problemas que se apresentam, é explicitada na moral que finaliza o texto:

5) *Assim, **graças ao pequeno e inteligente Polegar**, todos viveram felizes desde aquele dia, com muita fartura.*

Nesse excerto, “graças ao pequeno e inteligente Polegar” é a circunstância de causa para a felicidade de toda sua família. Evidencia-se, assim, a finalidade das atividades representadas no texto: educar as crianças, especialmente os meninos, que coragem e inteligência são mais importantes para se resolverem os desafios da vida do que tamanho ou força física.

No que se refere à variável relações, verifica-se que a estória é contada na voz de um narrador observador, intercalada com citações das falas das personagens à medida que ações e acontecimentos são apresentados, como exemplificam os excertos 6 e 7.

6) – *Coitadinhos dos meus filhos – **disse** a mãe, **soluçando**. – Ficarão sozinhos, sentindo frio, fome e medo das feras do mato...*

7) *Mas Polegar não desanimou. Encorajou os irmãos **propondo** que, juntos, procurassem o caminho de casa.*

8) *Andaram e andaram, até chegar a uma casa imensa e assustadora. Polegarzinho bateu à porta e uma mulher veio abrir. – Quem são vocês, crianças, e o que querem?*

No excerto 6, a reprodução da fala da personagem é representada por uma oração verbal, em que “a mãe” desempenha a função de Dizente do processo verbal “disse”, que projeta o conteúdo do seu dizer, sinalizado pelo recurso gráfico travessão. No excerto 7, a fala da personagem não é representada como uma reprodução direta do seu dizer, mas sim como um relato, uma vez que o processo verbal “propondo” projeta uma representação do que Polegar teria dito aos irmãos. No excerto 8, por sua vez, não há marca linguística para introduzir a fala da personagem; há apenas o sinal gráfico travessão, cabendo ao leitor/ouvinte inferir que o Dizente é a mesma personagem que realizou o processo material na oração anterior: “a mulher veio abrir”. Verifica-se, assim, três maneiras distintas de introduzir as vozes dos participantes no texto e representar as suas interações.

Quanto à variável modo de registro, embora, originalmente, a estória tenha sido contada oralmente pelas pessoas que utilizavam contos de fadas como forma de educar os infantes (TATAR, 2004), a escrita é o modo que possibilitou o acesso a esse e tantos outros contos de fada em diferentes continentes por diferentes gerações ao longo do tempo.

A descrição das variáveis campo, relações e modo em *O Pequeno Polegar* possibilita evidenciar a atividade principal realizada por meio desse texto: contar uma estória em que uma complicação é resolvida por meio da coragem e inteligência. Tendo em vista esse contexto, passa-se à análise de porções do texto em que, etapa por etapa, esse propósito é realizado.

4.2 Etapas e fases no gênero narrativa em “O Pequeno Polegar”

Na análise da estrutura esquemática de gênero instanciado em um texto, são consideradas as relações dialéticas entre as etapas e as fases previstas para cada gênero. Assim, nesta seção, são analisadas marcas linguísticas que possibilitam reconhecer as fases para, em seguida, identificar a constituição das etapas de orientação, complicação, resolução e avaliação, e vice-versa. Desse modo, apresentam-se os resultados desta análise em quatro subseções, cada uma das quais corresponde a cada etapa e respectivas fases do gênero. O quadro com a sistematização das etapas e fases encontradas ao longo de todo o texto está no Apêndice A.

4.2.1 Etapa de Orientação

A etapa Orientação foi identificada a partir da verificação da fase cenário, a qual é indicada por processos existenciais e relacionais com a função de apresentar e caracterizar personagens, como se verifica na primeira oração do texto:

9) *Era uma vez um casal de lenhadores, muito, muito pobres, com sete filhos pequenos.*

A expressão “Era uma vez”, que tipicamente inicia os contos de fada, introduz uma oração existencial em que “um casal de lenhadores, muito, muito pobres, com sete filhos pequenos” desempenha a função de Existente. Dessa forma, são indicadas as personagens da estória – um casal de lenhadores –, caracterizados por meio do epíteto “pobres”, condição intensificada pela repetição de “muito, muito”. A condição de

pobreza está associada à circunstância de acompanhamento “com sete filhos pequenos”, representando a dificuldade de sobrevivência das personagens. Na sequência, um dos personagens recebe destaque:

10) Um deles, o caçula, era magro e fraco, mas esperto e inteligente; era conhecido como Polegar, por ser muito pequeno ao nascer.

Nesse excerto, constituído de oração relacional atributiva, o filho “caçula” é Portador dos Atributos “magro e fraco”, que corroboram a representação da fome. Por outro lado, os Atributos “esperto e inteligente” avaliam positivamente esse personagem, por meio de julgamentos, destacando-o em relação aos demais e, assim, indicando para o leitor quem poderá ser o protagonista na resolução do problema. Como normalmente ocorre em contos de fada, apenas os personagens principais são nomeados, o que, nesse caso, realiza-se por meio da oração relacional identificativa “era conhecido como Polegar”. Por meio de outra oração relacional atributiva, é apresentada uma justificativa para a escolha do nome: “por ser muito pequeno ao nascer”.

Assim, a etapa Orientação, no texto em análise, constituiu-se da fase cenário, em que se introduz a personagem principal (Polegar) e alguns secundários (casal de lenhadores e os filhos).

4.2.2 Etapa Complicação

A etapa Complicação compõe-se de diversas fases, algumas das quais se repetem. Constituem essa etapa as fases problema, comentário, solução, reação, cenário, eventos e efeito. Essas fases relacionam-se entre si, havendo uma sequência para acontecerem.

A fase problema apresenta três ocorrências ao longo da etapa de complicação e é evidenciada por diferentes marcas linguísticas. O primeiro problema é a fome vivenciada pela família, representada por meio de orações existenciais com polaridade negativa, como “não havia o que comer” e “faltava tudo” no excerto a seguir.

11) Naquele ano difícil, faltava tudo, praticamente não havia o que comer.

O segundo problema é o abandono enfrentado pelas crianças, representado por meio da oração mental “perceberam que estavam sozinhos”, em que o Atributo “sozinhos”, na oração projetada, caracteriza a situação dos irmãos no meio da floresta. Este problema é seguido por uma reação dos irmãos e do protagonista indica no excerto 12.

12) Quando os sete irmãos perceberam que estavam sozinhos, os seis maiores começaram a chorar. Mas Polegar não desanimou. Encorajou os irmãos propondo que, juntos, procurassem o caminho de casa.

O terceiro problema é o risco enfrentado pelas crianças de serem devoradas por um gigante, representado pelo Epíteto que indica julgamento negativo – “verdadeiro devorador de criancinhas”. Os irmãos, nessa fase da narrativa, são representados mais uma vez como vítimas, por meio da marca avaliativa de afeto negativo “Coitados!” e da oração relacional circunstancial negativa “Vocês estão sem sorte”, presentes no excerto 13.

13) – *Coitados! Vocês estão sem sorte. Esta é a casa de meu marido, o Gigante, verdadeiro devorador de criancinhas.*

Depois de cada problema, aparecem as fases comentário e reação, indicando que, após a constatação de que há algo errado, planeja-se e avalia-se uma tentativa de solução para o problema. A solução definitiva, porém, é apenas realizada ao final da narrativa, mantendo, assim, uma expectativa no leitor até o término da estória.

Os comentários são constituídos por recursos linguísticos que indicam avaliações do narrador para situações ou soluções que envolvem as personagens. Tais comentários são indicados por epítetos que sinalizam apreciação, como “tristes” em “encontraram uma triste solução”, e julgamento, como “desesperados” em “os dois lenhadores, desesperados”. Também estão presentes ao longo do texto marcas de interação com o leitor, por meio do uso do modo oracional imperativo que realizam a função de fala comando, como em “imaginem só, como ficou”, e do modo oracional interrogativo que realiza a função de fala pergunta, como em “sabem onde?”. Essas escolhas linguísticas evidenciam interferências do narrador como observador do comportamento das personagens e das situações em que se encontram à medida que a estória progride, deixando no texto pistas de valores morais subjacentes à sociedade da época. O uso de marcas de interação também funciona como uma estratégia para envolver o leitor na estória.

A fase reação se constitui de atitudes comportamentais das personagens, evidenciadas por marcas de julgamento, realizadas por meio de orações mentais desiderativas, como “Polegar não desanimou” e “preferimos ser devorados”. Orações relacionais atributivas também são usadas para sinalizar reações das personagens, como “estavam desesperados, amedrontados e desanimados” e “seus olhos e de sua esposa estavam cheios de lágrimas”. Ainda na fase reação, orações verbais são usadas para atribuir falas às personagens e, ao mesmo tempo, indicar o comportamento delas, como em “o Pequeno Polegar [...] concluiu” e “disse a mãe, soluçando”.

A fase solução apareceu apenas uma vez no texto, indicando a tentativa de resolver o primeiro problema vivenciada pelas personagens. Essa fase é sinalizada pela própria palavra “solução” dentro da fase comentário em “encontraram uma triste solução” no excerto 13.

14) *Os dois lenhadores, desesperados com tanta miséria e tantas bocas para alimentar, encontraram uma triste solução: iriam se livrar dos sete filhos esfomeados.*

Na etapa Complicação, a fase cenário é necessária quando ocorre uma mudança de lugar onde as ações acontecem e/ou quando novos personagens são inseridas na estória. Isso acontece quando os pais levam as crianças para a floresta. A fase cenário, no excerto 15, é iniciada por uma circunstância de tempo (“Pela manhã”), e a repetição do processo material “se afastando” produz, por meio do recurso de gradação, efeito progressivo.

15) *Pela manhã, o casal chamou os filhos e foram todos para a floresta. Enquanto as crianças estavam ocupadas em apanhar bastante lenha, os pais foram se afastando, afastando, até ficarem bem longe.*

A fase eventos é a mais recorrente na etapa Complicação. Essa fase realiza-se, em sua grande parte, por orações materiais que, ao mesmo tempo em que representam ações das personagens, contribuem para representar o ambiente por meio das ações como “subir”, “guiar”, “andar”. A sucessão dos acontecimentos no tempo é indicada pelo emprego de sequencializadores, principalmente o conetivo “e”, usado para relacionar por extensão os eventos que fazem a estória avançar no tempo, como se verifica no excerto 16.

*16) Mas Polegar, sempre muito ativo, **subiu** em uma grande árvore e, lá do alto, **viu** uma luz brilhar ao longe. **Imaginou** que seria a luz de uma casa.*

*Sem hesitar, o garoto **desceu** da árvore e, **guiando** os irmãos, **começou a andar** na direção daquela luzinha distante.*

***Andaram e andaram, até chegar** a uma casa imensa e assustadora. Polegarzinho bateu à porta e uma mulher veio abrir.*

Por conter uma série de eventos, esta etapa é a mais longa na estória em análise, já que, quando um problema parece que será resolvido, outro problema surge. Pode-se dizer que essa sucessão de problemas amplia o heroísmo do protagonista, pois a conquista da resolução torna-se ainda mais árdua.

4.2.3 Etapa Resolução

Na etapa Resolução, foram identificadas as seguintes fases da narrativa, sucessivamente: comentário, reflexão, eventos, efeito e, novamente, eventos.

A fase comentário aparece no excerto 17.

17) Eram imensos, aqueles calçados do Gigante, mas por serem mágicos logo se ajustaram aos pés pequeninhos do novo dono.

O Atributo “mágicos” é determinante para representar os calçados do Gigante como o elemento de mediação que auxilia o protagonista a resolver a Complicação que perpassa a narrativa. Os calçados são ainda avaliados por apreciação em grau máximo, indicada pelo Atributo “imensos”, em contraste com os pés do protagonista, avaliados por apreciação em grau mínimo: “pequeninhos”.

A mudança da fase do comentário para a reflexão é assinalada por uma alteração de tema e expectativa. Se no comentário o leitor fica com a expectativa de saber o que Polegar fará com as botas, essa expectativa é contemplada com a reflexão explicitada na fala do personagem introduzida, no excerto 18, pelo processo verbal “disse”.

*18) – Agora sim! – **disse** decidido – Andarei pelo mundo até encontrar um modo de melhorar nossas vidas.*

Nesse excerto, por meio de citação, é explicitada a decisão de Polegar sobre o que fazer com as botas que pegou do Gigante.

A fase seguinte, identificada como eventos, é marcada por uma sucessão de processos materiais, destacados no excerto 19.

*19) **Partiu** [...]. **Andou** muito, muito mesmo, mais que o próprio Gigante. Após algumas horas, **chegou** a um reino distante, que estava em guerra. Logo soube que o rei dali recompensaria com uma fortuna a pessoa que lhe*

trouxesse qualquer informação sobre as tropas e as batalhas. [...] Polegar foi para a região do combate, auxiliado pelas botas velozes. Quando retornou, levou excelentes informações para o rei [...].

O uso de Circunstância de localização temporal, como “Após algumas horas”, e de sequencializadores, como “quando” e “logo”, evidenciam a sucessão das ações de que Polegar é Ator. Por meio dessa sucessão de eventos, é representado o que o protagonista teve de fazer para obter um efeito que servirá para resolver a complicação que gerou a trama (a pobreza da família). Verifica-se a fase efeito neste excerto:

20) Quando retornou, [Polegar] levou excelentes informações para o rei que, muito satisfeito, pagou-lhe o combinado. E ainda lhe deu mais algumas centenas de moedas.

Nesse excerto 20, o rei é representado como Beneficiário (“para o rei”) do processo verbal (“levou excelentes informações”) desempenhado por Polegar. Como efeito disso, Polegar (retomado pelo pronome “lhe” no excerto) é representado como Beneficiário dos processos que representam recompensa financeira (“pagou-lhe o combinado” e “deu-lhe mais algumas centenas de moedas”).

Como culminância da Resolução na narrativa, novos eventos são representados para evidenciar a direção escolhida por Polegar, como evidencia o excerto 21.

21) No dia seguinte, Polegarzinho calçou de novo as botas mágicas e, em um piscar de olhos, alcançou a cabana dos pais, onde foi acolhido com enorme alegria por todos, inclusive pelos seus irmãos, que tinham conseguido voltar.

A circunstância de localização “no dia seguinte” sinaliza o momento, mesmo que impreciso, em que Polegar deixa o reino e se dirige de volta à sua casa.

A etapa Resolução corresponde, assim, a uma gradação das fases que leva à solução final: o retorno de Polegar e dos irmãos para casa. A etapa avaliação, apresentada a seguir, acrescenta a condição em que retornaram à casa e o destino dado por Polegar à recompensa financeira que ganhou do rei.

4.2.4 Etapa Avaliação

A estória em análise encerrou-se com uma Avaliação, etapa considerada opcional no gênero narrativa. Em “O Pequeno Polegar”, essa etapa se constitui da fase, comentário, como se verifica no excerto 22.

22) Assim, graças ao pequeno e inteligente Polegar, todos viveram felizes desde aquele dia, com muita fartura.

Nesse excerto, o narrador manifesta sua opinião sobre o comportamento do protagonista, evidenciada pelo Atributo “inteligente”. O narrador, ao escolher usar a circunstância de causa “graças ao pequeno e inteligente Polegar”, atribui ao menino o mérito pela resolução da situação de pobreza e fome em que se encontrava a família no início da estória. Dessa forma, restabelece-se o equilíbrio que havia sido, necessariamente, interrompido pelo abandono das crianças na floresta para que a estória se configurasse, efetivamente, como uma narrativa.

5. Considerações finais

A associação entre a descrição das variáveis de contexto (campo, relações e modo) e a análise da estrutura esquemática de gênero com base em marcas linguísticas que realizam funções léxico-gramaticais e semântico-discursivas possibilitou a confirmação de que *O Pequeno Polegar*, de Charles Perrault, instancia o propósito sociocomunicativo do gênero narrativa.

A medida que as fases foram sendo identificadas e evidenciadas por elementos linguísticos que desempenham funções nos sistemas de transitividade e avaliatividade, confirmou-se a categorização das etapas do gênero. Dessa forma, na perspectiva da sistêmico-funcional, *O Pequeno Polegar* constitui-se como uma instância do gênero narrativa da família das estórias. Não pelo simples fato de contar uma estória, mas principalmente por desenvolver o propósito específico de resolver uma ou mais complicações, o que distingue esse gênero dos outros que integram a família das estórias (relato, episódio, exemplum, notícia), a serem investigados e descritos em estudos futuros.

Conclui-se que a análise das marcas linguísticas do texto em correlação com as variáveis do contexto possibilita a descrição da estrutura esquemática de gênero em fases e etapas que, por sua vez, realizam o propósito sociocomunicativo pretendido. Análises linguísticas como a empreendida neste estudo contribuem para subsidiar atividades pedagógicas que propiciem aos aprendizes consciência linguística para não só compreender os significados dos textos, como também desvendar diversos aspectos da vida em sociedade neles representados.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M. *A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUTT, D. et al. *Using Functional Grammar An Explorer's Guide*. 2. ed. Sydney: Macquarie University, 2000.
- CANTON, K. *Os contos de fadas e a arte*. São Paulo: Prumo, 2009.
- CHAUÍ, M. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- COELHO, N.N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COFFIN, C.; ACEVEDO, C.; LÖVSTEDT, A-C. *Teacher Learning for European Literacy Education (TeL4ELE) Final Report, Public Part*, 2013. Disponível em: <<http://tel4ele.eu/>>. Acesso em: 15 maio 2016.

- COSTA, P. *Os contos de fadas: de narrativas populares a instrumento de intervenção*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde. Três Corações, 2003.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- EGGINS, D.; MARTIN, J. Genres and registers of discourse. In: T. A. VAN DIJK, T.A. (ed.) *Discourse as Structure and Process*. London: Sage, 1997. p. 230-256.
- EGGINS, S.; SLADE, D. *Analysing Casual Conversation*. London: Cassell, 1997.
- FUZER, C. Ateliê de textos: (re)invenção e (re)escrita de histórias no ensino básico. *Revista da ANPOLL* (Online), v. 1, p. 56-79, 2014. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/772>>. Acesso em: 14 dez. 2016.
- _____; CABRAL, S.R.S. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.
- GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna*. 23. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2003.
- GOTLIB, N. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2004.
- GOUVEIA, C. A. Os gêneros escolares e a disciplinarização do saber: contributos da linguística sistêmico-funcional para a promoção do sucesso escolar. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM LETRAS*, 8, 11-14 jun. 2013, Santa Maria, RS. Minicurso. (não publicado).
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 1. ed., London: Arnold, 1985.
- _____. Part A. In: HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- _____. *An Introduction to Functional Grammar*. 2. ed., London: Arnold, 1994.
- _____; MATTHIESSEN, C.M.I.M. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed., London: Arnold, 2004.
- _____; MATTHIESSEN, C.M.I.M. *Halliday's Introduction to Functional Grammar*. 4. ed., Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge, 2014.
- INSTITUTO DE LINGUÍSTICA TEÓRICA E COMPUTACIONAL. *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa: Modelo de análise de narrativas escritas*. Projeto Diversidade Linguística na Escola Portuguesa (ILTEC), 2006.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. *Narrative analysis*. In J. Helm (ed.), *Essays on the Verbal and Visual Arts*. p. 12-44. Seattle: U. of Washington Press. 1967.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTIN, J.; ROSE, D. *Genre Relations: Mapping Culture*. London: Equinox, 2008.
- _____. Genre and Language Learning: a social semiotic perspective. *Linguistic and Education*, v. 20, n.1, 10-21, 2009.
- MARTIN, J.; WHITE, R. *The language of evaluation: appraisal in English*. Nova York, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.
- MEURER, J.L. Genre as diversity, and rhetorical mode as unity in language use. *Ilha do Desterro*, n. 43, p.61-82, jul./dez. 2002.
- OLIVEIRA, B. S. As manifestações fóbicas no conto O Pequeno Polegar, de Charles Perrault. *Revista Rascunhos Culturais*, Coxim, v. 5, n. 10, p. 161 – 162, jul./ dez. 2014.

- PEQUENO, V. C.; ALVES, J. H. P. O pequeno polegar: leituras a partir da crítica psicanalítica. In: *ENLIJE*, 4, 2012, Campina Grande. O pequeno polegar: leituras a partir da crítica psicanalítica, 2012.
- PERRAULT, C. [1697]. *O Pequeno Polegar*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PILÉGI, E.T. *Um possível olhar da criança para as intenções implícitas nos contos de fadas*. Maringá: IPE, 2008. 31 fl. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa), Faculdades Maringá Instituto Paranaense de Ensino, Maringá, 2008.
- PROPP, V. [1928]. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- RODRIGUES JR, A. S.. Análise da ideação, avaliatividade e tematização em narrativas de aprendizagem de línguas. In: *SciELO - Linguística, Letras e Artes*. São Paulo. v. 26, n. 2. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502010000200002>. Acesso em: 14 dez. 2016.
- ROSE, D.; MARTIN, J. *Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School*. London: Equinox, 2012.
- TATAR, M. *Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- VIAN JR, O.; SOUZA, A.A.; ALMEIDA, F.A.S.D.P. (Org). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

Anexo I – Análise das etapas e fases da narrativa em *O Pequeno Polegar*

Etapas	Fases	Porções de texto
ORIENTAÇÃO	Cenário	Era uma vez um casal de lenhadores muito, muito pobres, com sete filhos pequenos. Um deles, o caçula, era magro e fraco, mas esperto e inteligente; era conhecido como Polegar, por ser muito pequeno ao nascer.
	COMPLICAÇÃO	<p>Problema 1</p> <p>Naquele ano difícil, faltava tudo, praticamente não havia o que comer.</p> <p>Comentário</p> <p>Os dois lenhadores, desesperados com tanta miséria e tantas bocas para alimentar, encontraram uma triste solução:</p> <p>Solução</p> <p>iriam se livrar dos sete filhos esfomeados. Enquanto os filhos dormiam, pai e mãe planejaram como agiriam para abandonar as crianças: – Vamos levar as crianças para a floresta – disse o lenhador. – Lá, enquanto juntam lenha, nós as abandonaremos e fugiremos sem que percebam.</p> <p>Reação</p> <p>Quando o pai pronunciou a última palavra, seus olhos e os de sua esposa estavam cheios de lágrimas. – Coitadinhos dos meus filhos – disse a mãe, soluçando. – Ficarão sozinhos, sentindo frio, fome e medo das feras do mato... – Prefere, então, que morram de fome aqui mesmo conosco, sob nossas vistas? – perguntou o pai, também chorando.</p> <p>Comentário</p> <p>Não havia solução. As crianças morreriam, em casa ou na floresta. Então, era melhor que fosse longe, para os pais sofrerem menos. Combinaram o que fariam no dia seguinte e foram dormir.</p> <p>Cenário</p> <p>Pela manhã, o casal chamou os filhos e foram todos para a floresta. Enquanto as crianças estavam ocupadas em apanhar bastante lenha, os pais foram se afastando, afastando, até ficarem bem longe.</p>

Problema 2	Quando os sete irmãos perceberam que estavam sozinhos,
Reação	os seis maiores começaram a chorar. Mas Polegar não desanimou. Encorajou os irmãos propondo que, juntos, procurassem o caminho de casa.
Eventos	Começaram a caminhar pela floresta, mas, infelizmente, quanto mais caminhavam, parecia que estavam mais perdidos e não sabiam que rumo seguir. Chegou a noite, começou a chover e a fazer muito frio; ao longe, os lobos uivavam.
Reação	Os seis pequenos estavam desesperados, amedrontados e desanimados.
Eventos	<p>Mas Polegar, sempre muito ativo, subiu em uma grande árvore e, lá do alto, viu uma luz brilhar ao longe. Imaginou que seria a luz de uma casa.</p> <p>Sem hesitar, o garoto desceu da árvore e, guiando os irmãos, começou a andar na direção daquela luzinha distante.</p> <p>Andaram e andaram, até chegar a uma casa imensa e assustadora. Polegarzinho bateu à porta e uma mulher veio abrir.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Quem são vocês, crianças, e o que querem? – Estamos perdidos na mata. Tenha pena de nós, minha senhora. Estamos com fome e precisamos de um lugar para dormir. Poderia nos abrigar?
Problema3	– Coitados! Vocês estão sem sorte. Esta é a casa de meu marido, o Gigante, verdadeiro devorador de crianças.
Reação	<p>Polegar logo respondeu, sem demonstrar medo:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Se ficarmos na mata, com certeza seremos devorados pelos lobos. Então, já que estamos aqui, preferimos ser devorados pelo Gigante. Aliás, quem sabe ele não se comoverá e nos deixará viver? Já com os lobos, não haverá conversa alguma. <p>A mulher do Gigante tinha coração mole e se deixou convencer: permitiu que os sete irmãos entrassem.</p>
Eventos	<p>Mal tinham acabado de entrar, ouviram fortes golpes na porta: era o Gigante que regressava! A mulher escondeu as crianças embaixo do armário e correu para abrir a porta. O Gigante entrou. Era um ser enorme, de aspecto horrível. Logo que passou pela porta, começou a farejar de um lado e de outro, desconfiado, cheirando com prazer e apetite:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Cozida ou ensopada. Aqui tem cheiro de deliciosa criança! <p>Dizia isso e lambia os beiços.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Imagine, nada disso! É o cheiro da janta – disse a esposa, tremendo de pavor. <p>Mas o Gigante não se deixava enganar, pois conhecia bem demais o cheiro da carne humana.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Assadinhas ou fritinhas. Aqui tem o cheiro de crianças! <p>E lambia os beiços.</p> <p>Guiando-se pelo faro, foi em direção ao armário e, com as enormes mãos, arrancou de lá os sete irmãos, um por um, mais mortos do que vivos pelo medo.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Muito bem! Aqui tem uma ótima refeição para amanhã. <p>E começou a afiar o facão. Já tinha agarrado o pescoço do irmão mais velho</p>
Reação	<p>Quando a mulher falou:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Por que você quer matá-los nesta noite? A janta já está pronta! – Tem razão, minha velha _ resmungou o Gigante. –É melhor economizar, portanto deixá-los-ei para amanhã, é melhor que descansem um pouco. <p>A mulher do Gigante suspirou aliviada.</p>
Eventos	<p>Levou as crianças para dormir no quarto em que estavam suas sete filhas, sete meninas muito feias e cruéis, como o pai.</p> <p>Assim, dormiriam em uma larga cama as sete garotinhas. E em uma cama igual, ao lado, os sete irmãozinhos. Polegar reparou que as filhas do Gigante usavam suas coroas de ouro mesmo enquanto dormiam.</p> <p>Receando que o malvado mudasse de ideia e decidisse matá-los naquela mesma noite, o pequeno pegou seu gorrinho e os de seus irmãos e os colocou com cuidado na cabeça das garotas adormecidas, após tirar as corozinhas de ouro, que colocou na sua cabeça e na dos queridos irmãos. Estava feita a troca.</p> <p>A certa altura o Gigante acordou, arrependido por ter adiado a matança. Agarrou o facão e foi ao quarto das filhas, no escuro. Tateando, aproximou-se da cama em que</p>

		dormiam os sete irmãos. Polegar sentiu a enorme mão do Gigante tocar em seus cabelos e na coroa e, em seguida, o horroroso exclamou:
	Reação	– Meu Deus! O que estava para fazer? Por pouco quase degolei minhas próprias filhotas!
	Efeito	Aproximou-se da outra cama, estendeu a mão, sentiu os gorrinhos de lã rústica e riu. E, sem dó, cortou de uma vez só as sete gargantas.
	Eventos	Depois voltou para a cama, para continuando o sono interrompido. Bastaram alguns minutos, e já estava roncando forte.
	Reação	Com muito cuidado, o pequeno Polegar acordou os irmãos e contou-lhes o que acontecera. Falou da troca dos gorros com as coroas para enganar o Gigante, e concluiu: – Devemos fugir imediatamente, antes que seja tarde! Silenciosamente, os coitadinhos saíram daquela casa e foram para a floresta. Andaram a noite toda, sem saber bem para onde ir. Caminhavam rapidamente para escapar da fúria do terrível Gigante.
	Cenário	Na manhã seguinte o Gigante acordou e, antes de mais nada, foi pegar suas vítimas para cozinhá-las.
	Comentário	Imaginem só como ficou, ao perceber que havia degolado suas amadas filhinhas e que os sete gurus tinham desaparecido!
	Reação	Cego de raiva, calçou suas botas mágicas, que a cada passo alcançavam sete léguas, e partiu para a perseguição. Dali a pouco já estava bem próximo dos fugitivos. Polegarzinho, sempre alerta, viu que ele estava chegando e, sem perder a calma, mandou os irmãos se esconderem em uma caverna ali pertinho.
	Eventos	E lá vinha o Gigante, cada vez mais perto dos indefesos meninos. Andara muito, e já começava a se cansar. Precisou, então, parar e resolveu dar uma cochiladina.
	Comentário	E sabem onde? Bem na frente da caverna em que estavam escondidos os irmãos.
	Eventos	Polegar pensou rápido e, aproveitando o sono do inimigo, mandou os outros seis fugirem. Depois, aproximou-se do Gigante e, com muito cuidado para não acordar o guloso, descalçou-lhe as botas mágicas.
RESOLUÇÃO	Comentário	Eram imensos, aqueles calçados do Gigante, mas por serem mágicos logo se ajustaram aos pés pequenininhos do novo dono.
	Reflexão	– Agora sim! – disse decidido. – Andarei pelo mundo até encontrar um modo de melhorar nossas vidas.
	Eventos	Partiu, calçado com as botas que, a cada passo, percorriam sete léguas. Andou muito, muito mesmo, mais que o próprio Gigante. Após algumas horas, chegou a um reino distante, que estava em guerra. Logo soube que o rei dali recompensaria com uma fortuna a pessoa que lhe trouxesse qualquer informação sobre as tropas e as batalhas. Esperto como era, Polegar foi para a região do combate, auxiliado pelas botas velozes. Quando retornou, levou excelentes informações para o rei que,
	Efeito	Muito satisfeito, pagou-lhe o combinado. E ainda lhe deu mais algumas centenas de moedas.
	Eventos	No dia seguinte, Polegarzinho, calçou de novo as botas mágicas e, em um piscar de olhos, alcançou a cabana dos pais, onde foi acolhido com enorme alegria por todos, inclusive pelos seus irmãos, que tinham conseguido voltar.
AVALIAÇÃO	Comentário	Assim, graças ao pequeno e inteligente Polegar, todos viveram felizes desde aquele dia, com muita fartura.